

“Programa Mais Médicos” e a Saúde no Brasil

O “Programa Mais Médicos” vem sendo apresentado como remédio milagroso para a saúde pública brasileira, a despeito das inúmeras falhas verificadas desde que foi anunciado na forma da Medida Provisória (MP) 621/2013. Ele prevê, entre outros itens, a vinda de profissionais formados fora do Brasil sem um exame para comprovar a capacitação, e a criação de serviço civil obrigatório para os acadêmicos de Medicina, equívocos que são ameaças ao bem-estar da sociedade civil.

Em uma equação em que o interesse político é prioridade, a qualidade do atendimento à população fica em último plano. A insistência na falsa premissa de que trazer mais médicos resolverá o problema de assistência é um embuste. Proposta de quem está acostumado a ver a saúde pública de longe, apenas pela janela de gabinetes luxuosos.

Quem trabalha ou é atendido no SUS (Sistema Único de Saúde) sabe que o cenário é outro: não há infraestrutura mínima para assistência humanística. Lamentavelmente, nossos governantes estão criando duas medicinas no Brasil, uma para os pobres e outra para os ricos. Os primeiros têm que se contentar com médicos que chegam ao nosso país sem a revalidação do diploma, sem a comprovação de seus conhecimentos, e com a estrutura precária do SUS. Já os mais abastados são atendidos pelos profissionais competentes, fazendo uso dos últimos tratamentos da Medicina e de tecnologia de ponta.

Médico sozinho não faz mágica. Exames, medicamentos, instrumentos, equipe multidisciplinar são indispensáveis. Para os que dizem que é melhor meio médico do que nenhum, vale o alerta de que um profissional mal

preparado é um grande perigo a saúde, significa curandeirismo, charlatanismo. É por isso que as entidades médicas têm se mobilizado na defesa do Revalida.

Além de desperdiçar dinheiro público, em vez de investir em infraestrutura e políticas públicas de saúde efetivas, o “Mais Médicos” pretende deformar a residência médica obrigando os residentes a prestar serviço obrigatório durante dois anos, sem a garantia de supervisão adequada, o que é mais uma vez preocupante.

As autoridades estão transformando o médico em um vilão para encobrir as terríveis condições em que se encontram diversas unidades de saúde pública espalhadas pelo país, onde a situação é desesperadora, tanto para o paciente quanto para o profissional de Medicina. Se houvesse estrutura e se todos os direitos trabalhistas fossem respeitados, não faltaria profissional em nenhum canto do país.

Os médicos brasileiros querem uma saúde de qualidade para a população e ficarão felizes se vierem de fora bons profissionais para ajudar na assistência. Aliás, não existe país para acolher tão bem quanto o nosso. Trabalhamos com muitos colegas formados fora cuja competência agrega importante valor ao sistema de saúde.

Porém, em poucos meses, o “Mais Médicos” já começou a demonstrar sua fragilidade. Um grupo de 48 profissionais que atua pelo programa foi reprovado no Revalida, exame federal para reconhecer o diploma de medicina obtido no exterior. Eles foram aceitos para atuar na atenção básica prioritariamente no interior do país, onde há as maiores carências. No total, 1.440 candidatos não passaram para a segunda fase da prova. Entretanto, os 48 reprovados poderão exercer a medicina, mesmo após atestado de que não

estão qualificados para tal. Com fim meramente eleitoreiro, permite-se que profissionais de capacidade insuficiente exerçam a medicina. E é a população, em particular as pessoas mais vulneráveis, que corre risco real.

É frequentemente dito na mídia que os cubanos vêm para cá imbuídos de um profundo sentimento humanista, com objetivo de prestar assistência ao povo já que os médicos brasileiros não se preocupam com a sua comunidade carente. Esse profundo humanismo deve ser questionado, pois, por pior que sejam os locais afastados nos quais esses profissionais irão atuar, ainda assim é muito maior a liberdade vivenciada aqui do que em seu país de origem.

Os médicos estrangeiros e os brasileiros formados fora merecem respeito e dignidade, e não confinamento em conventos e/ou bases militares sem passaporte, sem condições de trabalho e sem a família ao lado. Infelizmente esse é mais engodo que nos acostumamos a ver às vésperas das eleições. Ao invés de investir dinheiro público para construir bons hospitais e postos de saúde, o que obviamente levaria profissionais para qualquer canto do Brasil, o governo opta por ludibriar a população com a presença de médicos sem qualificação. Não podemos aceitar essa inversão de valores.

Por que essa proposta afoita de alocar médicos estrangeiros em regiões afastadas há apenas um ano das eleições? Até os mais alheios aos problemas na área da Saúde e Educação conseguem concluir que o programa “Mais Médicos” verdadeiramente é a assinatura do atestado de que nada realmente foi feito em todos esses anos, afinal, o país precisa de mais saúde e não apenas de médicos.

Antonio Carlos Lopes

Presidente da Sociedade Brasileira de Clínica Médica